

participantes e a verificação de demandas. São realizadas orientações sobre vínculo e apego, sobre os dispositivos utilizados, além da importância desse processo e os benefícios de realizar o momento canguru mesmo o bebê estando com dispositivos. O suporte emocional é direcionado observando a relevância do conhecimento mútuo, interação, comunicação e vínculo mãe bebê. **Conclusão:** Constata-se a relevância dos Grupos de Encontro pela possibilidade de um manejo focado nas experiências de familiares em UTI Neonatal. A troca recíproca de pensamentos e sentimentos entre os membros do grupo revela-se vantajosa na medida em que os participantes se apercebem que outras pessoas semelhantes vivenciam as mesmas angústias, dificuldades, dúvidas e deixam de se sentir únicos nessa jornada permeada de conflitos e incertezas. Acresce-se o fato de que os grupos de encontro exercem uma intensa sensação de universalidade. Especialmente no estágio inicial da internação do paciente em Unidade de Terapia Neonatal, as mães costumam experimentar intenso alívio ao perceber que não estão sozinhas o que estimula a auto-revelação e a motivação para continuar enfrentando a situação. A presença do Psicólogo Hospitalar nesse cenário, substituído por familiares e bebês desamparados em sua maioria, reveste-se da possibilidade de expressão de sentimentos, desejos e necessidades, abrindo-se espaço para trocas genuínas e resgate de sentidos. Além disso, a avaliação de risco psicológico nos grupos de encontro possibilita a sistematização das informações dos vários aspectos do funcionamento do paciente e familiares a fim de elucidar hipóteses que são necessárias para a adequada intervenção.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.2110>

QUANDO AS CRIANÇAS PODEM OLHAR DE FRENTE PARA O SEU ADOECER: GRUPOS DE ENCONTRO E ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO A PACIENTES PEDIÁTRICOS EM TRATAMENTO ONCOLÓGICO

H Chiattonne, RC Rocha, BAD Santos

HC Núcleo de Assistência Psicológica Hospitalar,
São Paulo, SP, Brasil

Objetivos: Este trabalho objetiva caracterizar os grupos e acompanhamento psicológico de pacientes pediátricos, em tratamento oncológico, como ferramenta eficaz de cuidado, por resgatar capacidades, instigando recursos de enfrentamento positivos. **Material e método:** Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, conduzido na rotina do Psicólogo em 2024. Utilizamos a pesquisa retrospectiva de evoluções de prontuários no sistema e as planilhas diárias de controle de atendimentos, além da planilha de produção mensal. Foram realizados 14 grupos de crianças, caracterizadas como grupos operativos, abertos, temáticos, com enfoque terapêutico, contando com a participação de todos os acompanhantes presentes. Os grupos são semanais e também ocorrem atendimentos psicológicos prévios individuais. **Resultados:** As avaliações psicológicas prévias apontaram manifestações psíquicas e comportamentais de impotência, dificuldades de adaptação a internação prolongada, tédio por falta de

estímulos, medo do avanço da doença, preocupação com intercorrências, luto pela perda da saúde, desesperança, agressividade, alterações de humor e desejo pela cura e término de tratamento. Como principais intervenções psicológicas, foi registrado a escuta ativa, acolhimento, fortalecimento de mecanismos de enfrentamento, avaliação de mecanismos de defesa, manejo de manifestações de angústia, orientações comportamentais, aplicação de técnicas de distração terapêutica e relaxamento. São ofertadas atividades gráficas; desenho, colagem, prontuário afetivo e escuta ativa. As atividades são realizadas individualmente no primeiro momento para melhor anamnese e orientação, mas também são realizadas atividades em grupos para melhor adaptação do paciente e familiar que passam por situações adversas advindas do tratamento e ambiente hospitalar. **Conclusão:** Constatamos que a avaliação psicológica prévia e os grupos de crianças oncológicas são ferramentas eficientes para que os pacientes possam vivenciar experiências semelhantes às de seu dia-a-dia e, com isso, podem generalizar com maior rapidez os seus ganhos. Em grupo, verificamos que os pacientes podem entrar em contato com um maior número de situações problema e visualizar saídas mais condizentes, aumentando seu repertório de respostas positivas na vivência da hospitalização e tratamento. pois os membros do grupo são modelos mais eficazes. Nessa medida, temos verificado que a intervenção terapêutica tem sido imediata, pelo alívio da angústia aguda. A prática tem se revelado eficaz ao responder às necessidades ou capacidades eletivas dos pacientes. Em grupo, as crianças conseguem comunicar-se melhor, tanto através da linguagem verbal quanto por meio de uma linguagem simbólica, proporcionando ao psicólogo a possibilidade de observar seu comportamento, interpretando o significado de seus jogos e de suas interações. Além disso, a troca recíproca de pensamentos e sentimentos entre pacientes e acompanhantes revela-se vantajosa na medida em que se apercebem que outras pessoas semelhantes vivenciam as mesmas angústias, dificuldades, dúvidas e deixam de se sentir únicos nessa jornada permeada de conflitos e incertezas. Aprender que seus problemas não são únicos e que podem ser compartilhados com demais pessoas pode promover uma troca mais rápida de informações e ressignificação do processo de adoecimento.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.2111>

MEU AMIGO PACIENTE - UTILIZAÇÃO DE FANTOCHES COMO INSTRUMENTO TERAPÊUTICO NO PRONTO SOCORRO INFANTIL

H Chiattonne, RC Rocha, AT Ribeiro,
ABS Oliveira, CF Fontana, TG Caetano, SS Lima,
B Rebecchi, FT Fiorentino, JC Rodrigues

Rede D'Or São Luiz – Unidade Anália Franco, São
Paulo, SP, Brasil

As atividades lúdicas, como a criação de fantoches, desempenham um papel crucial na vida das crianças hospitalizadas, aliviando o estresse e ajudando na compreensão do processo

de tratamento. Fazer fantoches permite que as crianças expressem suas emoções de forma não verbal e compreendam melhor suas experiências médicas. Além disso, essa atividade estimula a interação social, é conduzida por profissionais de saúde mental, e pode se tornar uma lembrança positiva do hospital. Os fantoches também ajudam a explicar procedimentos médicos de forma lúdica, tornando-se “pacientes” que estreitam laços com as crianças, reduzindo o medo e funcionando como um processo psicoterapêutico para toda a família. **Objetivos:** Este trabalho tem como objetivo apresentar a utilização de fantoches como instrumento terapêutico na chegada do paciente pediátrico ao Pronto Socorro Infantil. **Material e métodos:** São utilizados como materiais: meias, agulha, linha colorida, tesoura, cola quente, botões, cola para tecido, olhos moveis, bolinhas de isopor, fios de lã/barbante/linha, tecidos diversos, canetas ou tintas para tecidos, algodão/espuma. Nossa abordagem teve como foco oferecer apoio aos pacientes e seus familiares no Pronto Socorro Infantil (PSI) do Hospital São Luiz - Anália Franco. Durante a oficina, convidamos as crianças que estavam na recepção do PSI a participar da criação de fantoches feitos a partir de meias. Além disso, disponibilizamos exemplos impressos para facilitar a compreensão da ideia central da atividade. Enquanto as crianças confeccionam os fantoches, os Psicólogos estimulam a expressão de sentimentos compreender o significado por trás da escolha de seus bonecos, e os motivos que as levaram até o hospital. Ao término da atividade, cada paciente pôde levar consigo o seu próprio fantoche como lembrança desta experiência única. **Resultados:** As crianças hospitalizadas relataram diversas queixas físicas, mas permaneceram calmas e aproveitaram a atividade de confecção de fantoches. Essa atividade proporcionou tranquilidade aos pais, que se sentiram mais seguros ao verem seus filhos engajados. A experiência positiva foi tão marcante que muitos continuaram a atividade após a alta hospitalar. O projeto “Meu Amigo Paciente” combina entretenimento e apoio emocional, ajudando as crianças a expressarem suas emoções e medos de forma não verbal, reduzindo o estresse hospitalar e criando um ambiente acolhedor. **Conclusão:** A confecção de fantoches no ambiente hospitalar mostrou resultados notáveis, ajudando as crianças a lidar melhor com a espera pelo atendimento e entender os procedimentos médicos. Essa atividade proporcionou uma forma não verbal de expressar emoções e medos, crucial para aquelas com dificuldades de comunicação. Os pais também se sentiram mais tranquilos e expressaram gratidão pela iniciativa, evidenciando seu impacto positivo. Constatamos que a atividade com fantoches facilitou a expressão emocional das crianças, ajudando no bem-estar e na melhor compreensão de sua situação. A intervenção lúdica também se mostrou eficaz em melhorar a colaboração das crianças e reduzir reações agressivas durante os tratamentos. A relevância do psicólogo no ambiente hospitalar é evidente, e esses benefícios podem ser estendidos a todos os pacientes, incluindo idosos, pois o equilíbrio emocional e psicológico influencia positivamente a recuperação física e o sucesso do tratamento.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.2112>

EXCHANGE OF LETTERS BETWEEN CHILDREN AND ADOLESCENTS IN ISOLATION PRECAUTION: EMOTIONAL IMPACT DURING BONE MARROW TRANSPLANTATION (BMT)

LIS Fernandes, LMG Tufolo, MFC Vasques,
AL Lira, LND Rego, AP Rodrigues, A Seber

Hospital Samaritano, São Paulo, SP, Brazil

Introduction: The exchange of letters between children and adolescents hospitalized for BMT offers a vital opportunity for social interaction in an environment that values isolation. This restriction, linked to the physical symptoms expected by the treatment, favors discouragement, apathy, and emotional dullness. This way of communication can play a fundamental role in the emotional well-being of these patients, providing them a safe and meaningful way to express feelings, share experiences, and maintain connections. This study evaluates the benefits of this practice on the emotional state and perception of social support during the BMT inpatient period. **Objective:** Is to analyze the impact of exchanging letters among children and adolescents undergoing BMT, considering their benefits during hospitalization. **Method:** This was an experience report, performed in a private hospital in São Paulo, during the period from January 2021 to January 2024. This study analyzed the first 28 exchanges of letters between children and adolescents 4-17 years of age, hospitalized for autologous and allogeneic BMT. Hospital psychology was responsible for facilitating this communication, analyzing case by case, and selecting patients with common characteristics, such as: age, diagnoses, family support network, and treatment timing. The letters were laminated and sanitized to ensure safety. The content of the letters was categorized and qualitatively analyzed to identify recurring themes, emotional expressions and forms of support expressed. **Results:** This exchange of letters promoted a significant increase in the perception of social support and emotional decompression during hospitalization. The letters were perceived by the team as a source of emotional comfort, encouragement, and human connection, helping to mitigate the negative effects of hospital isolation. Common themes included expressions of love, hope, and gratitude, as well as shared experiences, and plans related to the future. Procedures inherent to hospitalization, such as dressing changes and nasogastric tube placement, were motivated by other children, increasing adherence and effectiveness. Hospital psychology was able to provide guidance and emotional support to children and their families during the process of writing and receiving letters. **Conclusion:** The exchange of letters between children hospitalized for BMT and their families represents an effective psychosocial intervention to promote well-being during hospitalization. This study highlights the importance of simple strategies, such as written communication, in promoting mental and emotional health in adverse health contexts. The integration of hospital psychology in this process is crucial to ensure that the emotional needs of patients and their families are adequately met. Future research may further explore the therapeutic potential of this intervention and its applicability in other clinical contexts.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.2113>